

## O planejar e o acontecer - Intersecções entre as expectativas e a vida real no período de acolhimento

Regina Fusco e Viviana Cukier

Nesse grande país em que vivemos, há inúmeras diferenças entre os estados, os municípios e entre cada escola, seja pública ou privada. Poderíamos fazer uma grande lista, mas queremos começar apontando uma semelhança: em todas as escolas, no mês de dezembro, termina um ano letivo. Professoras e estudantes vivem as merecidas e esperadas férias (com uma celebração de ano novo - coincidentemente ou não - regada à avaliações e resoluções), para então recomeçar um novo ano no mês de janeiro.

Em nossa escola, não é diferente. Cabe contextualizar que trabalhamos com crianças que fazem quatro anos até 31 de março e cinco ao longo do resto do ano. É o primeiro ano delas nessa escola, mas a maioria já viveu experiências escolares em outras instituições, normalmente menores. Cada sala conta com duas professoras e também tem contato com muitos outros adultos.

Como as outras professoras e professores desse país, sentimos anualmente as dores e as delícias de permanecer no mesmo ambiente de trabalho e, ao mesmo tempo, mudar todo ano. O ofício continua o mesmo, mas a sala pode mudar, a parceria com outros professores e o grupo de crianças.

Nos dias que antecedem a chegada das novas crianças, a equipe da escola se prepara para recebê-las. Dentre muitas reuniões e reflexões, as professoras repensam a disposição do mobiliário, organizam os materiais e planejam cuidadosamente como arrumar a sala de um jeito convidativo, que desperte o interesse e favoreça as interações entre os integrantes do grupo-sala - adultos e crianças. São os famosos Cantos.



Para planejar o espaço e a recepção das crianças, nos baseamos em nossa experiência e em referências teóricas<sup>1</sup>. Decerto, a forma como encaminhamos os primeiros dias e encontros reflete o que pensamos sobre infância, sobre educação e sobre escola.

Preparamos o espaço da sala com diferentes propostas. Dessa maneira, imaginamos acolher e despertar a diversidade de interesses presentes no grupo. Há aqueles que preferem propostas mais tranquilas e individuais, outros que gostam de criar narrativas coletivas com materiais que favorecem o jogo simbólico. Há aqueles que preferem construir com blocos o cenário de uma brincadeira e aqueles que vão utilizar o mesmo material para testar as possibilidades de equilíbrio.

A organização em diferentes estações permite a livre exploração e circulação dos novos integrantes, que podem permanecer em um mesmo canto por um período e/ou explorar todas as possibilidades, sozinhos ou acompanhados. O mesmo acontece para nós educadores, que com os convites cuidadosamente preparados com materiais, podemos receber as crianças aos poucos e acolhê-las em seus tempos individuais.

Além de considerarmos critérios como diversidade e livre circulação na organização do espaço, também antecipamos ações e brincadeiras que podem criar pontes com os familiares. Uma proposta com objetos da cozinha e massinha pode ser um convite para uma criança acompanhar a nova professora na preparação de uma comida para o seu responsável e um papel pode ser um jeito de acalmar corações de quem está com saudades de casa ou da escola antiga, pois pode virar um bilhete ou um desenho que será entregue em outro momento.

Após tantas reflexões, decisões e planejamento, chegam as crianças. Algumas com pares conhecidos, outras chegando na escola dos irmãos e muitas se aproximando pela primeira vez desse espaço. É o momento das primeiras apresentações e das primeiras aproximações: “vamos brincar de fazer bolo?” e “se a gente fizesse uma luta de dinossauros?”.

Brincadeira que vai, brincadeira que vem. Enquanto andam pela sala, as crianças carregam consigo vestígios das propostas por onde já tinham passado, ampliando as possibilidades. Também descobrem outros objetos pelas prateleiras, que despertam sua curiosidade.

Como num piscar de olhos, a bela mesa com flores, massinha, panelinhas e outros objetos de cozinha se transforma num caos quando as ações de todos somam papéis, tinta, dinossauros fantasiados.

---

<sup>1</sup> Para refletir sobre o tema apresentado no texto, temos estudado as publicações (em forma de textos, livros e vídeos) de algumas pessoas, entre elas: Stela Barbieri, Paulo Fochi, Virginia Kastrup.



Nesse momento, precisamos fazer escolhas. Era nossa intenção que as crianças se sentissem acolhidas por nós e no espaço da sala. Sabíamos, desde o princípio, que os materiais não ficariam estáticos em seus cantos originais (e que bom!). Na hora, percebemos e acompanhamos esse movimento, fomos incorporando alguns desejos e ajustamos as nossas expectativas ao que acontecia. Todos os cantos que preparamos se transformaram.

Para ter certeza que estávamos alinhadas (porque trabalhar em parceira também é consultar e acolher a parceira até no meio da tinta), íamos narrando alguns acontecimentos e as mudanças em voz alta, pedindo sugestões e perguntando sobre as mudanças. Perguntas como “você quer usar essa tinta que encontrou? Vamos pegar qual papel?”, anúncios do tipo: “cuidado, essa cobra é venenosa!” ou breves comentários entre adultos, como “puxa, olha essa mesa” foram tornando visíveis, partilhadas e intencionais as mudanças que aconteceram. Ao mesmo tempo em que conversávamos, também reorganizávamos os espaços. Essa estratégia também aproximou as crianças, que se interessavam pelas mudanças e pelas novas propostas.

Vimos nascer cobras onde achávamos que seriam enrolados brigadeiros, a mesa de desenho com materiais secos virou uma mesa de tingimento de água e precisamos improvisar um lugar de pintura.

Ficou evidente que os materiais convidam e propõem, e que não podemos antecipar as ações e atividades das crianças. Dentro desse contexto - o acolhimento - foi essencial poder perceber, escutar e mudar. Pudemos conversar com as crianças e entre nós, aproximando todos os envolvidos e começando a construir os tão importantes vínculos.

Para o dia seguinte, revisitamos o nosso planejamento. Entendemos que as crianças já estavam encontrando muitas novidades: uma nova escola, novos espaços, colegas e

professoras, por isso optamos por trazer de volta para a sala, intencionalmente, as propostas que construímos juntos.

Olhamos para os nossos registros e memórias, buscando compreender o movimento desse coletivo de crianças e transformamos aquela mesa, com tantas informações, em novos-velhos cantos. Trouxemos de novo a pintura, a pintura da água e a massinha, agora acompanhada por um livro informativo sobre cobras.

Entendendo que encontrar o conhecido e poder retornar às propostas favoritas gera segurança nas crianças, mas também lembrando que pequenas mudanças empolgam e surpreendem, oferecemos ao longo das primeiras semanas materiais semelhantes, buscando por mudanças na organização e em pequenas provocações.

A pintura da água ganhou pipetas e depois potes de vidro, as cobras foram pequenas e grandes, às vezes individuais e em outras, coletivas. O guache encontrou suportes enormes, nas paredes e cavaletes, com rolinhos e pincéis de diferentes espessuras.

Esse breve relato narra como as primeiras duas horas das crianças na nova escola reverberaram em nosso planejamento, em como nos sentimos provocadas a revisitar o que antecipamos. Colhemos frutos: essas primeiras propostas, construídas nessa inusitada parceria de professoras e crianças que começavam a aprender os nomes e rostos, garantiram segurança e tranquilidade por muitos dias.

---

Regina Fusco é pedagoga, atua como professora de Educação Infantil e como formadora de educadores. É especialista em *Gestão e Formação em Educação Infantil e Antropologia das Infâncias*. É co-fundadora de coletivos que acreditam que a educação e as infâncias podem e devem ocupar e transformar a cidade: o Amora e o Trilhares.

Viviana Cukier é pesquisadora da infância e professora, formada em pedagogia na Universidade de São Paulo e especialista em arte-educação pelo Instituto Singularidades. Atualmente, atua como professora e atelierista no Colégio Santa Cruz e é co-fundadora do Coletivo Desinvenções, um coletivo de projetos para a infância que visa desinventar as muitas certezas com que os adultos vêem essa fase da vida. É co-autora do livro “Arquiteturas Fantásticas”, uma publicação da Escola Ateliê Carambola.